

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)31 mar 2017 | O Globo | RONALDO D'ERCOLE, JOÃO SORIMA NETO RENNAN SETTI [economia@oglobo.com.br](mailto:economia@oglobo.com.br)

# Analistas destacam importância de compromisso com meta fiscal

## Mas alguns economistas veem risco para a retomada do crescimento

-SÃO PAULO E RIO- O corte de R\$ 42,1 bilhões em despesas anunciado ontem, reforça, segundo analistas, o compromisso do governo com o cumprimento da meta fiscal de 2017, o que é importante para a credibilidade da política econômica. Mas, para os especialistas, o contingenciamento vai impor desafios e poderá, na opinião de alguns, dificultar a retomada do crescimento econômico.



LEO PINHEIRO/VALOR/1-8-2016

### Pouco efeito. Castro Souza Jr., do Ipea, diz que cortes não serão recessivos

Para Fabio Klein, economista da consultoria Tendências, o corte no Orçamento surpreendeu pelo volume e será de difícil execução. Por isso, a expectativa da Tendências é que o déficit nas contas públicas vá fechar o ano um pouco acima da meta do governo, de R\$ 139 bilhões previstos.

— Cortar R\$ 42 bilhões dessa base (de despesas) significaria cortar 32% do custeio e investimento dos programas e ministérios federais. Excluindo os Ministérios da Educação e da Saúde e também os gastos do PAC, por exemplo, tal corte equivale a praticamente zerar os gastos discricionários dos demais ministérios — analisa Klein. ALTA DE IMPOSTO AINDA NO RADAR Diante desse cenário, ele vê como altamente prováveis novas medidas visando à recomposição das receitas do governo ao longo do ano.

—O timing e a magnitude desse movimento vão depender do grau e da velocidade da recuperação da economia, da capacidade do governo de gerar receitas extraordinárias de natureza ainda incerta (da licitação de

hidrelétricas à segunda fase da repatriação) e da efetividade dos cortes — observa o economista.

A expectativa da Tendências para o ano é de déficit de R\$ 148 bilhões, pior que a meta prevista, diferença que “não deve causar impactos significativos na credibilidade da equipe econômica”, diz Klein.

Já Rafael Bistafa, economista da Rosenberg Associados, não acredita que será difícil fazer os cortes:

— Em um Orçamento da ordem de R\$ 1,3 trilhões, não é tão complicado achar R\$ 40 bilhões para cortar.

Mesmo assim, na sua opinião, a recuperação da atividade econômica ainda é um componente fundamental do plano fiscal comandado pelo ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, principalmente para a recomposição das receitas recorrentes do governo federal.

— O desafio fiscal ainda é grande, pois para cumprir a meta estamos dependendo bastante da retomada do crescimento. Se a projeção de expansão de 0,5% do PIB se frustrar este ano, o governo tem de cortar mais despesas — diz, lembrando que a meta também dependerá da confirmação das receitas extraordinárias, como os R\$ 10 bilhões esperados com a relicitação de hidrelétricas.

Ele lembra que, “em anos recentes”, o governo prometia cobrir o rombo no Orçamento com receitas extraordinárias que, quando não confirmadas, faziam o governo enviar projeto ao Congresso mudando a meta:

— Agora não, estão fazendo tudo para cumprir a meta, inclusive com medidas pouco populares, como a reoperação da folha de pagamento.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) também ressalta que o “comprometimento com o cumprimento da meta fiscal” é positivo para a economia.

— O impacto do contingenciamento, especialmente nesse momento da economia, é a manutenção da credibilidade das contas públicas. — afirmou José Ronaldo de Castro Souza Jr., da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do instituto.

Segundo Souza Jr., a economia só é estimulada via gastos do governo quando o setor público está equilibrado, “que é exatamente o oposto do que temos hoje”. Ele também minimizou eventual efeito recessivo do corte sobre a economia:

— Toda vez que você faz algum aumento de arrecadação, obviamente isso tem algum custo para algum setor. Mas hoje o custo maior seria gerado, em termos econômicos, de ter um setor público desequilibrado e que não cumprisse as metas. PROJEÇÃO MENOR DO PIB O economista defendeu a adoção de todas as reformas propostas pelo governo por seus efeitos fiscais, uma vez que “para que os agentes financiem o governo, eles tem que acreditar que aquela dívida será paga”, argumentou. Entre elas, destacou a reforma da Previdência

Mas André Perfeito, economista-chefe da Gradual Investimentos, acredita que a medida do governo terá impacto negativo sobre a atividade econômica. O corte de gasto foi um dos motivos que o levou a mudar sua projeção de desempenho do PIB para este ano, de alta de 0,12% para queda de 0,22%. Para 2018, passou de expansão de 2% para uma de 1,7%:

— Acreditamos que o que foi anunciado de fato permitirá ao governo atingir sua meta fiscal, mas o custo da estratégia será mais desaceleração (do PIB).

Na avaliação de Perfeito, a curto prazo, o problema do governo não foi o aumento das despesas, “mas uma queda muito relevante das receita”.

— Isso vai depender do aumento de arrecadação do governo, que só é possível via aumento imposto, e existem limites para isso, ou via aceleração da economia. Logo, faria sentindo haver algum aumento de impostos, mas seria interessante também focar na redução da evasão fiscal.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)

[Próxima notícia](#)